



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

BIANCA DE SANTANA TRINDADE

**A VALORIZAÇÃO DA BELEZA NEGRA E A ESTÉTICA:
IDENTIDADE RACIAL E ESTÉTICA DAS MULHERES NEGRAS
SANTAMARENSES - BA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2018**

BIANCA DE SANTANA TRINDADE

**A VALORIZAÇÃO DA BELEZA NEGRA E A ESTÉTICA:
IDENTIDADE RACIAL E ESTÉTICA DAS MULHERES NEGRAS
SANTAMARENSES - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Clarisse Goulart Paradis.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2018**

Aos meus pais, Cintia e Ricardo,

Por serem meu porto seguro,

Minhas razões de vida.

A minha família,

Pelo apoio energias positivas.

Às minhas antecessoras, grandes, mulheres

negras santo-amarenses,

Pela historia e descendência.

[...]

Eu entendi seu livro, eu entendi sua língua

Agora minha língua, minha rima eu faço

Eu já me fiz, sozinha

Eu tenho mais palavras

Da boca escorrendo

Você disse que tá junto e eu continuo escrevendo

A planta é feminina, a luta é feminina

La mar, la sangre, em mi América latina

Meu desejo é o que, seu desejo não me defina!

Minha história é outra, tô rebobinando a fita!

[...]

Se não me espelhou, não me espelhou

Não chamo de educação

Manhã d'água acende o nariz da esfinge

De racha tô cercado oiá Iemanjá vive

Aqui não tem drama ou gente inocente

Aqui tem mulher firme arrebrandando as suas correntes

A vida toda alguma coisa tentou me matar e eu me refiz

Dandara Acotirene

Salve! Negras dos sertões negras da Bahia

Salve! Clementina, Leci, Jovelina

Salve! Nortistas caribenhas clandestinas

Salve! Negras da América latina

Salve! Eu sei não é fácil chegar

Salve! A gente sabe levantar

Salve! Aonde eu for é o seu lugar

Salve! Permanecemos vivas

É por nós, por amor

Por nós amor

Por nós por amor

(Antiga Poesia – Ellen Oléria)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. OBJETIVOS.....	10
2.1 Objetivos específicos.....	10
3. JUSTIFICATIVA.....	10
4. REFERÊNCIAS TEÓRICAS.....	11
5. METODOLOGIA.....	12
6. REFERÊNCIAS.....	15
APÊNDICE.....	17

1. INTRODUÇÃO

Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. (DAVIS, 2017)

Início esse projeto com uma frase dita por Angela Davis numa palestra feita no auditório da Universidade Federal da Bahia (UFBA) para reafirmar a força que a mulher negra possui.

Com esse trabalho, pretendo alavancar o debate em torno da valorização da beleza e da estética negra, inicialmente fazendo uso da afirmação de Aguiar (2011) de que “não existe definição exata nem científica do padrão da beleza [...] já rompemos com estes valores. [...] precisamos é continuar avançando (AGUIAR, 2011)”. O foco dessa pesquisa são as percepções das mulheres negras da cidade de Santo Amaro, nas fases da juventude, adulta e no início da vida idosa sobre esse tema. Não afirmo que homens ou mulheres fora dessa faixa etária não possuem beleza ou estética, só não são o principal alvo da pesquisa. Pode-se perceber que a cada dia os jovens possuem mais consciência racial, comparando-se as gerações anteriores.

Santo Amaro, também conhecida pela denominação não oficial Santo Amaro da Purificação é um município do recôncavo baiano com 489,323 km² de área e uma população de 57.800 habitantes de acordo com o ultimo Censo do IBGE (2010), sendo mais da metade desta população composta por figuras femininas. Santo Amaro comportou e comporta mulheres de grandes nomes conhecidos como Zilda Pain, Dona Nicinha do Samba, Tia Ciata, Mabel Velozo, Edith do Prato, Maria Bethania e Dona Canô e não tão conhecidas com Dona Nicinha e Dona Lucinha, mulheres de gerações diferentes, fortes sinônimos de garra.

Numa conversa com uma entrevistada, foi questionada a forma como a estética foi vivida por ela:

No meu tempo tinha rouge, pó de arroz, agente usava muito papelote porque não tinha bobê, usavam um penteado chamado banana, laquê pra não desmanchar e se alisava com um ferro que ia pro fogo, o nome era ferro de espichar cabelo e tinha o pente de ferro também. (Informação verbal)¹

Em conversa com outra entrevistada, lhe foi questionado as suas percepções estéticas em si própria e das mulheres ao redor:

¹Pergunta: Como a senhora e as mulheres negras da sua época se arrumavam para se sentirem belas esteticamente falando? – Resposta fornecida por Maria do Carmo Moreira (Dona Lucinha), 69 anos; mulher negra, dona de casa.

A partir do Ilê Aiyê e da representação e fala de lideranças como Luiza bairros, Vilma Reis, Makota Valdina Pinto agente começa a ir tomando consciências das coisas, da imposição estética racista. Tomo consistência disso e quando decido parar de alisar o cabelo, esse cabelo “pra cima” não era “moda”, falo isso porque hoje podemos até dizer que há um certo modismo, esse nem é o termo correto porque as pessoas não estão usando por fase, estão realmente assumindo uma estética. As reações eram bem difíceis, estava num bar e de repente tinha alguém rindo, as pessoas falavam “vai pentear esse cabelo”, os olhares eram de admiração por uns que entendiam e viam beleza e atitude naquilo, mas que às vezes não tinham coragem de fazer, e de estranhamente e de ridicularizarão de outros. Os debates foram se intensificando, as pessoas começaram assumir mais essa questão estética, vai ficando um movimento muito bonito principalmente das crianças, com seus cabelos naturais, que agora ficam de “back” como elas falam, aquela coisa linda, e os adultos também. (Informação verbal)²

Entendo a estética como uma especialidade filosófica que visa investigar a essência da beleza e as bases da arte, que não está direcionada a um gênero específico e que influenciou a mudança no modo de pensar das gerações atuais e é geralmente o principal e primeiro contato de jovens com as lutas raciais. Como afirmou Carolina Maria de Jesus³ (2014):

Eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais *iducado* do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É *indisciplinado*. Se é que existe *reincarnação*, eu quero voltar sempre preta (JESUS, 2014, p.64).

Toda criança negra tem consciência de que é negra, a sociedade lhe afirma isso a todo o momento, a infância é carregada de apelidos maldosos – “cabelo de bombril”, “nega do cabelo duro”, etc. –, considerando o negro como símbolo de inferioridade. Nilma Lino Gomes (2002) afirma que, “esses apelidos recebidos [...] marcam a história de vida dos negros (GOMES, 2002, p. 45)”.

O racismo criou meios que se perpetuam até os dias de hoje para inferiorizar o ser negro, variando desde a desvalorização do seu trabalho até os padrões de beleza. A estética negra é um problema para uma sociedade embranquecedora, a partir de padrões dominantes, capitalistas e elitistas. A mídia, o todo tempo, nos impõem padrões, afirmando que a beleza

² Pergunta: No contexto santo-amarense, como você percebe as mudanças estéticas em si própria e nas mulheres negras ao seu redor, de 10 anos atrás para os dias atuais? – Resposta fornecida por Trícia Calmon – Especialista em Políticas Públicas de Gênero e Raça (Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA - 2015), graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2008). Membro do Conselho do Fundo Baobá para a Equidade Racial e membro titular do Comitê Interinstitucional de Monitoramento e Avaliação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, presidido pelo Ministério Público do Estado da Bahia. Atuou como consultora da Fundação Kellogg no programa de Equidade Racial no Nordeste (2008 a 2011); e, como Coordenadora Executiva de Igualdade Racial da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia (2012 a 2015), onde, entre outras coisas, conduziu a articulação e ampliação do Fórum Estadual de Gestores Municipais de Política de Promoção da Igualdade Racial.

³ Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do País. Autora do livro autobiográfico “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, escrito no período de 1955 e 1960 (FRAZÃO, 2017).

está nos traços europeus e na pele clara, desvaloriza os traços negros, o nariz largo e a boca grande, ignora a diversidade cultural, a pluralidade étnica e elege um único padrão estético como ideal de beleza. Esse padrão eleito não contempla a raça negra, que, embora venha resistindo aos apelos e pressões pelo seu embranquecimento, não consegue se “enxergar” nos meios de comunicação de massa, onde encontra poucas referências positivas.

Existe no imaginário social brasileiro a ideia de que o negro não é belo ou bom, quanto mais fino os seus traços mais aceito será, cabelos lisos e loiros, narizes finos, bochechas rosadas, olhos azuis e axilas claras são alguns exemplos de como a estética ocidental celebra características brancas como melhores e mais belas. O ato de alisar o cabelo pode se passar por uma ação simples, porém, pode ser uma automutilação na busca de um padrão. No entanto, sabemos que não é obrigatório negras terem os cabelos crespo para se empoderar, todas as formas, jeitos e cores – aplicadas não apenas para os cabelos - são permitidas, acredito é necessário se conhecer e se aceitar.

Sentir-se belo para o ser negro, em sua maioria, é um processo longo, processo esse enfrentado há 44 anos pelo mais antigo bloco afro do Brasil, o Ilê Aiyê⁴, nome que significa em português literal “Mundo Negro”, trazia em suas músicas a temática de afirmação do negro, valorizando o cabelo, as vestimentas, o candomblé, a cultura e as tradições. Ao longo de sua trajetória, vem contribuindo fortemente para o processo de identidade étnica e autoestima do negro, apropriou-se popularmente da história africana para trabalhar a construção da história do negro no Brasil e é hoje responsável pelo maior concurso de beleza e exaltação da mulher negra no país, onde se elege a Deusa do Ébano. Ela tem a missão de levar ao público todo encanto e consciência que a mulher negra necessita para elevar sua autoestima e censo crítico.

Como afirma Petrônio Domingues (2007, p. 101):

[...] Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural.

Desde a década de 60, empresas faturam com a venda de produtos para branquear a pele e alisar o cabelo, tudo proporcionado pela insatisfação da maioria da população negra com as

⁴O Ilê foi criado em 1974, por Apolônio de Jesus e Antonio Carlos dos Santos, jovens da Liberdade – bairro formado majoritariamente por negros – uma proposta era ousada, formar um bloco só com negros. Responsável pela revolução no carnaval baiano com ritmos essencialmente africanos, favorecendo o reconhecimento de uma identidade peculiar baiana, marcadamente negra. Perseguidos pela polícia, saiu desfilando vigiados pela polícia e apenas com 100 pessoas no primeiro ano, alcançando a partir do terceiro ano não menos de mil pessoas.

suas características físicas e o desejo de alcançar um padrão de beleza que não os contemplava. Por outro lado, surge também o movimento *Black Power* (LIMA, 2017), caracterizado pelo uso dos cabelos sem intervenção química – definido hoje por “natural”. Os anos 60, 70, e 80 representaram para os negros um marco importante, pois a partir daí é que se intensificou a luta através de movimentos e reafirmação de identidades. O visual afro fez muito sucesso e, ao mesmo tempo, surgem movimentos como o “*Black is beautiful*”, afirmando que ser negro era lindo.

Entidades importantes na história, que lutaram pelo direito dos negros, sempre existiram, movimentos que se organizaram com o objetivo de lutar pela igualdade racial, a valorização da estética e cultura negra e contra a discriminação e preconceito racial. Temos como exemplo a Frente Negra Brasileira, União dos Homens de Cor, o Teatro Experimental do Negro, Movimento Negro Contra a Discriminação Racial, Articulação de Mulheres Negras. (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010)

Ações de diversas áreas e formas distintas influenciaram muitas decisões pró-movimento, conseguindo assim muitas conquistas com seus trabalhos, como por exemplo: a Lei CAO, que reconhece como crime inafiançável o racismo; o Sistema de Cotas na Universidade, que possibilita o ingresso do estudante oriundo de Escolas Públicas nas Universidades Federais e Estaduais, inclusão do negro em propagandas; a Lei Federal nº. 10.639/03, que garante o ensino de História da Cultura Africana nas escolas de ensino fundamental e médio; o 20 de Novembro que passa a ser considerado o Dia da Consciência Negra, marcado por manifestações que exigem melhoras na situação do negro no país, entre outras. (BEZERRA, 2018)

Sabe-se que mesmo após a escravidão, os corpos negros não deixaram de ser oprimidos, a cultura brasileira reflete isso de várias formas, conforme questões como empoderamento, beleza e estética negra são entendidos também como política, atribui-se identidade e reconhecimento a uma grande parcela da sociedade.

O empoderamento negro também é um reflexo de como as gerações de mulheres, a cada dia mais, têm consciência de que também possuem beleza. Ribeiro afirma (2015):

Para o feminismo negro, empoderamento possui um significado coletivo, trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres negras como sujeitos ativos de mudança [...] bell hooks diz que diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva anti racista, anti elitista e sexista através das mudanças das instituições sociais e consciência individuais (Ribeiro, 2015).

Com o crescimento considerável de produtos para cabelos cacheados e crespos em todo o país, muitas mulheres passaram a reconhecer seus cabelos naturais, em alguns casos o primeiro passo para uma conscientização racial, para aquelas que não tinham e para aquela que desejam sem engajar e aprofundar nas lutas raciais.

É importante observar a modificação que os negros passam – especificamente a mulher preta – desde a escravidão até a contemporaneidade e sua construção de uma identidade que de certa forma vem se solidificando. Exemplo desse processo é a “*Marcha do Empoderamento Negro*”, inicialmente intitulada “*Marcha do Orgulho Crespo*”, por exemplo, que concentra pessoas que assumiram o cabelo natural para protestar contra o preconceito que estigmatiza os negros e é uma resposta para a nossa sociedade embranquecedora e racista. Afirmo que é possível acreditar que, cada vez mais, os negros passam a assumir uma beleza negra, baseada em seus costumes e características e que os movimentos em geral tiveram uma influência para que estes tomassem consciência da importância de se valorizar as suas raízes e tradições.

Tratando-se da relação entre a mídia e o mercado e as lutas raciais, nomeio como “faca de dois gumes”, ao mesmo tempo em que poder ser proveitoso, também poder ser prejudicial. A mídia e o mercado têm como grande e principal foco os lucros, aproveitando-se de toda “moda”, ou seja lá o que for que estiver em alta no momento. Com as lutas dos movimentos raciais não foi diferente, o crescimento na autoaceitação de mulheres negras tornou-se uma vasta área de aproveitamento para as marcas, que passaram a criar produtos específicos para esse público, entretanto esse público sempre existiu, sempre teve dificuldades para encontrar produtos estéticos que beneficiem sua beleza e sempre teve desejos, ouvidos só agora de forma parcial, pois a população negra no Brasil é maioria indubitavelmente, são milhões de pessoas, com suas características e especificidades, nem todas as mulheres negras brasileiras possuem cabelo cacheado, ou tem o tom de pele mais claro.

Ao mesmo tempo em que o mercado afirma que está produzindo para mulheres negras, ele seleciona quais são essas mulheres e as colocam num padrão, indo de forma completamente contrária à premissa dos movimentos raciais, das mulheres negras, empoderadas e livres, do princípio de que toda beleza é verdadeira e padrões não são necessários.

2. OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa consiste em saber como as mulheres da cidade de Santo Amaro enfrentam o racismo através da valorização da estética negra.

2.1 Objetivos Específicos:

- Reafirmar o conceito de beleza e estética negra.
- Refletir sobre a forma que esses conceitos foram passados para as gerações mais velhas e como é passado para as gerações atuais.
- Compreender o modo como a mídia e o mercado se apoderam das lutas raciais, de modo a despolitiza-las.
- Entender se a forma que o empoderamento negro usa a estética é estratégico para os objetivos gerais da luta antirracista.

3. JUSTIFICATIVA

Ao observar a exploração acadêmica limitada do tema do empoderamento negro e da estética na cidade de Santo Amaro, nota-se uma lacuna existente quando se trata de tendências e percepções das gerações atuais de jovens negros, em comparação com gerações passadas, algo inovador e importante para se construir representatividades, contribuindo assim para a luta contra o racismo institucional, principalmente na perspectiva regional.

O projeto tem o intuito de fazer o Recôncavo Baiano pensar as lutas do povo negro, cenário histórico, que foi palco de lutas pela liberdade e é nos dias atuais palco de inúmeras resistências desse povo, a exemplo “As Caretas de Acupe”, uma encenação de uma revolta verídica de escravos de um engenho do antigo acupe contra um senhor de engenho perverso e cruel, com intuito de assustar e “brincar” com todos os presentes num baile de máscaras dado por tal, com mascaras que fugiam do modelo europeu com características rudimentares e com o dever de assustar e pôr para correr as pessoas que demonstrassem medo. (ALVES, 2016)

Esse trabalho conecta-se com o projeto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), um projeto único de uma instituição que presa pela valorização do ser negro dos países lusófonos, suas estéticas, seus valores artísticos e epistemologias, prima pela perspectiva de integração de saberes científicos, culturais, sociais de países cujos processos históricos necessitam se protagonizar.

Além destas lacunas que geraram a oportunidade do projeto, existe a motivação pessoal para o desenvolver desse trabalho, em especial duas: minha descendência, convivência e consciência de ser sucessora de grandes mulheres negras santo-amarenses, com toda sua força e beleza e uma preocupação com o futuro de meninas negras e a intenção de vê-las futuramente tornarem-se mulheres negras bem sucedidas da cidade de Santo Amaro.

4. REFERÊNCIAS TEÓRICAS

É necessário entender o conceito de negritude para compreender a premissa do trabalho, Munanga (1988) afirma que:

Continuando a ser recusado socialmente, o negro intelectual descobre que uma possível solução a essa situação residirá na retomada de si, na negação do embranquecimento, na aceitação de sua herança sócio-cultural que, de antemão, deixaria de ser considerada inferior. A esse retorno chamamos de negritude. Não querendo cair em um racismo avesso, a própria história justifica a escolha do termo, entre tantos. Tratava-se de uma reação. Legítima defesa ou racismo anti-racial, a negritude não deixa de ser uma resposta racial negra a uma agressão branca de mesmo teor (MUNANGA, 1988, p.5).

Tendo como base tal citação do autor, a retomada de si mesmo e aceitação de suas heranças socioculturais, por parte dos negros, é um ato político, como afirma Angela Davis (2017), “a política não se situa no polo oposto ao de nossas vidas. Desejemos ou não ela permeia nossa existência insinuando-se nos espaços mais íntimos” (DAVIS, 2017, p.53), e afirmo por experiência própria, que a estética negra tornou-se uma arma política sim, negros precisam se reafirma e reconhecer a todo instante. Tal processo de reconhecimento, refletido por Rúrion Melo (2014) aponta as “motivações” que levam sujeitos e grupos sociais a agir politicamente” (MELO, 2014, p.18).

O poder conceituado por Muruce Duverger designa, ao mesmo tempo, o grupo de governantes e suas funções, sendo um fenômeno relativo ao uso da força, da coação (DUVERGER, 1976). Negros são agentes que foram subjulgados a tal coação, assim que se baseia a relação entre o racismo e as formas usadas para negar ascensão negra em todos os polos possível, inclusive na estética.

A estética pode ser entendida como “a apreciação da beleza ou da combinação de qualidades que dão prazer para os sentidos. Esse conceito sofre mudanças constantes em diferentes populações e em momentos históricos distintos” (SOARES ET AL, 2012, p.549). Para a mulher negra, ter estética era se assemelhar a mulher branca, até o final da década de

setenta, alisar o cabelo a “ferro” era muito comum. (FIGUEIREDO, 1994, *apud* FREITAS, 2017) e era basicamente o que as mulheres negras tinham como estética. Tratando-se ainda da mulher negra e a estética, Grossi e Bonetti (2018, p. 209) afirmam que:

[...] as prisões de imagens – conforme nomeia Alice Walker – [...] consistem numa violência para pessoas negras (ARAÚJO, 2014). Neste discurso apresenta-se a compreensão acerca do padrão de beleza feminino disseminado pela mídia como algo inatingível, tendo em vista o grande investimento de tempo e dinheiro que requer. Esse fato não impede de gerar comparações ou desejo de aproximar-se desse ideal. Evidencia-se o culto à juventude e ao desejo de não envelhecimento, já que as mulheres, na TV, aparentem ser mais novas, não possuem rugas, porque tem condições de fazer intervenções cirúrgicas, gerando comparações, inclusive, por parte do companheiro, com repercussões na autoestima. (GROSSI; BONETTI, 2018, p. 209)

A atuação das redes sociais em prol do movimento negro e militante a favor do empoderamento é indispensável e deve ser reconhecida. A exemplos temos os *blogs*, como “Frida Diria”, “Blogueiras Negras” e “Geledés”, que trazem informações e afirmam a beleza negra e estilos como “Afropunk”, os movimentos como o “Tombamento”, as festas que buscam dar voz e poder ao povo negro e periférico como a “Batekoo”, com ritmos negros cantados por pessoas negras, Karol Conka e Beyoncé (MALIA, 2016). Grossi e Bonetti (2018, p. 209) também se posicionam nesta questão, apontam que:

O uso das redes sociais como meios para mobilização de grupos políticos parece se adensar, e grupos de valorização da estética afrodiáspórica tem se avolumado (MATTOS; SILVA, 2014). Além dos espaços de encontro e troca de experiências, posições políticas e articulações que vêm se intensificando nas redes sociais – a exemplo de Vício Cacheado – existem outras, como as páginas de *Facebook*: Cacheadas e Crespas de Salvador, [...] Cacheando em Salvador. Estes grupos reúnem-se por vezes virtualmente e presencialmente, como no evento “Turbantaço”, [...] englobando diversas atividades e oficinas culturais – dentre elas, a oficina de turbantes –, propondo a valorização da cultura afrodiáspórica. Faz-se necessário pontuar o aumento significativo de discussões e articulações de mulheres negras neste sentido. (GROSSI; BONETTI, 2018, p. 210)

5. METODOLOGIA

Nesta seção irei relatar de que maneira será realizada a pesquisa, considerando o cenário, os sujeitos envolvidos na investigação e os instrumentos de coleta de dado.

A metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Sendo assim, este trabalho analisa e investiga o cenário santo-amarense e como as mulheres enfrentam o racismo através da valorização da estética negra, buscando atingir o objetivo principal, o estudo se configura na

abordagem do método qualitativo, baseado em pesquisas e entrevistas feitas para execução do tema presente.

A pesquisa qualitativa tem como finalidade explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão (BAUER; GASKELL, 2002, p.68), costuma ser direcionada e não busca enumerar ou medir eventos, e geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados, sinteticamente falando, seu objetivo é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista. (BAUER; GASKELL, 2002).

O instrumento de coleta de dados consiste em entrevistas com grupo focal, que segundo Morgan (1997 apud GODIM, 2003) é definido como:

Uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade (MORGAN apud GODIM, 2003, p.151).

Possuindo como objetivo estimular os participantes a falar e a reagir aquilo que outras pessoas no grupo dizem e caracterizado principalmente pela sinergia emergente da intervenção social e pelo nível de envolvimento emocional proposto pelos participantes. George Gaskell e Martin W. Bauer (2002), a respeito da pesquisa com entrevista, afirmam que:

[...] Toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma intenção, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento (BAUER; GASKELL, 2002, p.73).

Para traduzir a informação desejada em um conjunto de perguntas específicas se deve elaborar um guia para entrevista, a fim de conduzir a interação entre as participantes do grupo focal. Também será possível aplicar um questionário entre as entrevistadas, garantindo assim a padronização e a comparação dos dados, aumentando a velocidade dos registros e facilitando o processamento. Logo, para responder à questão-problema, aplica-se um questionário aberto com algumas perguntas (no caso da pesquisa, serão em torno de 10 perguntas)⁵, facilitando questionamentos, proporcionando aprofundamentos e explicações do entrevistado, numa amostra de cinco a seis mulheres negras santo-amarenses de gerações e idades diferentes, não sendo necessário o total desconhecimento entre elas, pois a cidade

⁵ Uma proposta de questionário segue no anexo do projeto.

possui poucos habitantes e é considerada pelos próprios uma cidade pequena tratando-se de demográfica, propostas de forma em que todas possam ser ver, frente a frente, dispostas em círculo, a fim de proporcionar um debate e descobrir como a estética atua na vida de tais mulheres, combatendo assim o racismo.

Desenvolvido inicialmente com uma pesquisa bibliográfica baseada nas perspectivas de autores como Angela Davis, Kabenguele Munanga e Nilma Lino Gomes, o presente trabalho e grupo focal tem a finalidade de acrescentar conhecimentos, amplia-los e fazer utilização com eficiência para se obter resultado eficaz.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Monica. **Conceito de beleza**. 7 out. 2011. Disponível em <<https://monicaaguiarsouza.blogspot.com/2011/10/conceitos-de-beleza.html>>. Acesso em 14 ago. 2018.
- ALEVES, Joice Lorena do Sacramento. **Memórias e narrativas de resistência num recôncavo da Bahia**: as caretas de Acupe. Santo Amaro, 21 nov. 2016. Disponível em: <http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/699/1/2016_mono_jalves.pdf>. Acesso em: 06 set. 2018.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual pratico**. 2 ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- BEZERRA, Juliana. **Movimento Negro**. 16 ago. 2018. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/movimento-negro/>>. Acesso em 04 set. 2018.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. 1 ed.São Paulo: Boitempo, 2017
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 ago. 2018.
- DUVERGER, Maurice. **Ciência Política: teoria e método**. Rio De Janeiro: Zahar. 2 ed. 1976. (p. 9 – 39)
- FRAZÃO, Dilva. **Carolina Maria de Jesus**: Escritora Brasileira. 26 ago. 2017. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- FREITAS, Klylissa Carla Ribeiro. **Resgate à identidade capilar** : cabelo crespo das mulheres santamarenses. Bahia, 27 jul. 2017. Disponível em <http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/713/1/2017_mono_kfreitas.pdf>. Acesso em 07 set. 2018.
- GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 21, p. 40-51, dez. 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 ago. 2018.
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto , v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004>. Acesso em 09 out. 2018.

GROSSI, Miriam Pillar; BONETTI, Alinne de Lima. **Caminhos Feministas no Brasil: teorias e movimentos sociais**. 1 ed. Tubarão (SC): Copiart, 2018.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia. **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça: modulo III**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

IBGE, Censo Demográfico 2010. **Cidades: Santo Amaro**. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santo-amaro/panorama>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

ILÊ AYÊ. Disponível em <<http://www.ileaiyeoficial.com/bio/>>. Acesso em 21 ago. 2018

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

LIMA, Juliana Domingos de. **A origem da frase ‘black is beautiful’: e as críticas a seu uso num comercial**. 24 out. 2017. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/10/24/A-origem-da-frase-%E2%80%98black-is-beautiful%E2%80%99.-E-as-cr%C3%ADticas-a-seu-uso-num-comercial>>. Acesso 15 set. 2018.

MALIA, Ashley. **Minhas referências no movimento negro**. 25 jul. 2016. Disponível em <<https://www.ashismos.com/2016/06/minhas-referencias-no-movimento-negro.html>>. Acesso em 16 set. 2018.

MELO, Rúrion. Da teoria à práxis? Axel Honneth e as lutas por reconhecimento na teoria política contemporânea. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 15, p. 17-36, Dec. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522014000300017&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 16 set. 2018.

MOREIRA, Maria do Carmo. Entrevista concedida a Bianca Trindade. Santo Amaro, 11 set. 2018.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: usos e sentidos**. 2. ed. [S.l.]:Ática, 1988. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/19017035/NEGRITUDE-Usos-e-Sentidos>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O Empoderamento Necessário**. 31 jul. 2015. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/>>. Acesso em 14 ago. 2018.

SOARES, Diego Moura et al. Avaliação dos principais padrões de perfil facial quanto a estética e atratividade. **Rev. Bras. Cir. Plást.**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 547-551, dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-51752012000400013&lang=pt>. Acesso em 04 set. 2018.

APÊNDICE – PRÉ-QUESTIONARIO

Esse pré-questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Humanidade, realizada na instituição da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos, confirmo assim a total e completa segurança de seus dados, sendo realçado que as respostas representam apenas a sua opinião individual. Não existem respostas certas ou erradas, por isso lhe solicito que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões.

Obrigado pela sua colaboração.

1. Nome
2. Idade
3. Estado Civil
4. Ocupação
5. Poderia falar-me sobre sua relação com a beleza e a estética, no período da sua juventude?
6. Quais dificuldades você enfrentou e/ou ainda enfrenta ao assumir uma estética que valoriza a identidade negra? Como você descreveria as dificuldades de ser uma mulher negra empoderada na nossa atual sociedade racista e misógina para uma jovem que esta se descobrindo como tal?
7. De acordo com a sua experiência, a que se deve a negação da beleza negra? Ela ainda persiste na sociedade?
8. O que você entende como empoderamento? Quando você ouviu falar sobre empoderamento da mulher pela primeira vez?

9. Você se sente uma mulher empoderada? Se sim, desde quando?

10. Tratando-se do empoderamento da mulher negra, o que faz você sentir-se feliz?

11. Você concorda que há um aumento de crianças que se sentem empoderadas e apresentam uma consciência racial? Como se sente em relação a isso?